

Deborah Harkness



Tradução de Márcia Frazão

Rocco



**F**antasma não tinham muita substância. Eram todos compostos de memórias e coração. No alto de uma das torres de Sept-Tours, Emily Mather comprimiu a mão diáfana no centro do próprio peito que até então pesava de medo.

*Será que um dia isso ficará mais fácil? A voz e todo o resto de Emily eram quase imperceptíveis. Espiar? Esperar? Saber?*

*Não que eu tenha reparado,* retrucou secamente Philippe de Clermont. Empoleirado por perto, ele observava os próprios dedos transparentes. Dentre todas as coisas que Philippe não gostava na condição de morto – não poder tocar na esposa Ysabeau; não dispor de olfato e paladar e nem de músculos para uma boa luta –, a invisibilidade estava no topo da lista. Isso era um lembrete constante do quão insignificante ele se tornara.

O rosto de Emily se fechou e Philippe se amaldiçoou em silêncio. Desde que ele tinha falecido, a bruxa era uma companheira sempre presente, com quem podia dividir a solidão. O que ele estava pensando quando esbravejou como se ela fosse uma serva?

*Talvez fique mais fácil quando eles não precisarem mais de nós,* disse Philippe em tom mais suave. Se ele era o fantasma mais experiente, Emily é que compreendia a situação metafísica de ambos. O que a bruxa acabava de dizer contradizia tudo em que ele acreditava a respeito do além. Philippe achava que os vivos podiam ver os mortos *quando* precisavam de alguma coisa: assistência, perdão, retribuição. Emily insistia que isso não passava de um mito humano, e que só quando os vivos secavam as lágrimas e seguiam em frente é que os mortos apareciam para eles.

Essa informação tornou o fracasso de Ysabeau em percebê-lo um pouco mais fácil de suportar, mas não muito.

– Mal posso esperar para ver a reação de Em. Ela vai ficar tão surpresa. – A voz calorosa e alta de Diana flutuou até as ameias.

*Diana e Matthew*, disseram Emily e Philippe em uníssono, abaixando os olhos para o pátio pavimentado que circundava o castelo.

*Lá*, disse Philippe apontando para o caminho. Mesmo morto, sua visão de vampiro ainda era mais acentuada que a de qualquer ser humano. E ele continuava sendo mais bonito que qualquer ser humano, com seus ombros largos e seu sorriso diabólico. O mesmo sorriso que ele lançou para Emily que não pôde deixar de retribuir. *Formam um bonito casal, não é? Veja quanto o meu filho mudou.*

Geralmente os vampiros não mudavam com o passar do tempo, de modo que Emily esperava ver o mesmo cabelo que de tão negro brilhava azulado, os mesmos olhos verde-acinzentados que vez por outra assumiam o tom frio e distante de um mar de inverno, a mesma pele pálida e a mesma boca larga. Mas algumas diferenças sutis eram perceptíveis, como sugerira Philippe. O cabelo de Matthew estava mais curto e agora uma barba o fazia parecer ainda mais perigoso, como um pirata. Ela engasgou.

*Matthew está... maior?*

*Está. Fui eu que o engordei quando ele esteve aqui com Diana em 1590. Os livros o estavam deixando franzino. Matthew precisava lutar mais e ler menos.* Philippe sempre rejeitara o excesso de educação. Matthew era uma prova viva disso.

*Diana também parece diferente. Com aquele cabelo longo e acobreado ficou parecida com a mãe*, disse Em, reconhecendo a mudança mais óbvia na sobrinha.

Diana tropeçou em um seixo do calçamento e a mão de Matthew disparou para ampará-la. Um dia aquele incessante adejar de Matthew tinha sido para Emily, um sinal de superproteção vampiresca. E agora, com a perspicácia de um fantasma, ela se dava conta de que isso decorria de um conhecimento sobrenatural de cada mudança de expressão, de cada mudança de humor e de cada sinal de fadiga ou de fome de Diana. Mas a preocupação de Matthew parecia ainda mais concentrada e apurada.

*Não é só o cabelo de Diana que mudou.* O rosto de Philippe exprimiu divagação. *Diana está grávida... esperando um filho de Matthew.*

Emily observou a sobrinha com mais cuidado, com a compreensão aprimorada da verdade propiciada pela morte. Philippe estava certo... em parte. *Você quer dizer "os filhos". Diana está grávida de gêmeos.*

*Gêmeos*, disse Philippe espantado. Seus olhos se desviaram distraídos pela chegada da esposa. *Olhe lá, Ysabeau e Sarah junto a Sophie e Margaret.*

O que vai acontecer agora, Philippe? Emily estava com o coração cada vez mais pesado de expectativa.

*Finais. Começos*, respondeu Philippe, deliberadamente vago. *Mudanças. Diana nunca gostou de mudanças*, replicou Emily.

*Isso porque ela tem medo do que poderá se tornar*, disse Philippe.

Marcus Whitmore enfrentara inúmeros horrores depois daquela noite em 1781 em que se tornara vampiro pelas mãos de Matthew de Clermont. Ninguém o preparara para a provação de contar para Diana Bishop que sua amada tia Emily Mather estava morta.

*Marcus tinha recebido o telefonema de Ysabeau quando ele e Nathaniel Wilson assistiam ao noticiário da televisão na biblioteca da família. Sophie, a mulher de Nathaniel, e a bebê, Margaret, cochilavam no sofá ao lado.*

– O templo. – Foi o que Ysabeau disse sem fôlego e frenética. – Venha. Rápido.

*Marcus obedeceu à avó sem questionar. Enquanto saía pela porta só teve tempo para gritar pelo seu primo Gallowglass e sua tia Verin.*

*A meia-luz do anoitecer de verão estava um pouco mais clara quando Marcus se aproximou da clareira no alto da montanha, iluminada por um poder sobrenatural que ele vislumbrou por entre as árvores. De cabelo eriçado, ficou atento à magia no ar.*

*E depois farejou o odor da presença de um vampiro, Gerbert de Aurillac. E de mais alguém... uma bruxa.*

Uma luz, um passo decidido soou pelo corredor de pedra, trazendo Marcus do passado ao presente. A pesada porta se abriu com um rangido, como de costume.

– Olá, meu amor. – Marcus apagou a lembrança da paisagem do campo de Auvergne e respirou fundo. O odor de Phoebe Taylor lembrava o emaranhado dos pés de lilás que florescia no lado externo da porta vermelha da fazenda da família. Delicada e resoluta, em outros tempos era uma fragrância que simbolizava a esperança da primavera, após o longo inverno de Massachusetts, e conjurava o sorriso largo e compreensivo da mãe de Marcus. E agora isso só o fazia pensar na pequena e voluntariosa mulher à sua frente.

– Tudo vai ficar bem. – Phoebe estendeu a mão, com os olhos esverdeados de preocupação, e endireitou o colarinho de Marcus. Ele tinha trocado as camisetas pelas roupas formais depois que começou a assinar a correspondência como Marcus de Clermont e não como Marcus Whitmore, nome pelo qual ela

o conhecia na época em que ele ainda não falava de vampiros, de pais de mil e quinhentos anos de idade, de castelos franceses repletos de parentes proibidos e de uma bruxa chamada Diana Bishop. Na opinião de Marcus, o fato de Phoebe ter permanecido com ele não era nada menos que um milagre.

– Não vai, não. – Ele beijou a palma da mão de Phoebe. Ela não conhecia Matthew. – Fique aqui com Nathaniel e os outros. Por favor.

– Pela última vez, Marcus Whitmore, eu estarei do seu lado quando você receber o seu pai e a esposa dele. Acho que não devemos discutir mais esse assunto. – Ela estendeu a mão. – Ou devemos?

Marcus segurou a mão de Phoebe, mas em vez de segui-la porta afora como era esperado, puxou-a para si. Ela aninhou-se no peito dele, comprimindo o próprio coração com uma das mãos e com a outra, o dele. E depois olhou para ele surpreendida.

– Está bem. Mas haverá condições se você for comigo, Phoebe. Em primeiro lugar, ficará comigo ou com Ysabeau o tempo todo.

Phoebe abriu a boca para protestar, mas o olhar sério de Marcus silenciou-a.

– Em segundo lugar, se eu lhe mandar sair da sala, você terá que sair. Sem delongas. Sem perguntas. E irá direto até Fernando. Ele estará na capela ou na cozinha. – A aceitação relutante de Phoebe não passou despercebida a Marcus. – Em terceiro lugar, sob hipótese alguma, não caia na besteira de ficar ao alcance do braço do meu pai. De acordo?

Phoebe assentiu. Como qualquer bom diplomata, ela estava preparada para seguir as regras de Marcus – por ora. Mas faria o que devia fazer se o pai de Marcus realmente fosse o monstro pintado por alguns na casa.

Fernando Gonçalves derramou os ovos batidos na frigideira quente, cobrindo as batatas douradas que estavam na panela. Sua *tortilla* espanhola era um dos poucos pratos que Sarah Bishop conseguia ingerir, e depois de todos aqueles dias a viúva precisava de substância.

Gallowglass sentou-se à mesa da cozinha e começou a catar gotículas de cera na rachadura da madeira antiga. Musculoso e com o cabelo louro à altura do pescoço, ele parecia um urso rabugento. Suas tatuagens serpenteavam em torno dos antebraços e dos bíceps em coloridos redemoinhos brilhantes cujos temas revelavam o que lhe passava pela mente naquele momento. Isso porque nos vampiros as tatuagens só duravam alguns meses, de modo que os braços de Gallowglass cobertos de nós celtas, runas e animais fabulosos

extraídos dos mitos e lendas nórdicos e gaélicos indicavam que ele pensava a respeito de suas próprias raízes.

– Deixe de se preocupar. – A voz de Fernando soou tão cálida e refinada quanto um xerez envelhecido em barris de carvalho.

Gallowglass ergueu os olhos e logo os desviou para a cera.

– Gallowglass, ninguém impedirá Matthew de fazer o que deve ser feito. Vingando a morte de Emily é uma questão de honra. – Fernando afastou-se do fogo e deslizou pelas lajotas do piso com pés descalços e silenciosos para juntar-se a Gallowglass à mesa. Enquanto caminhava ele abaixou as mangas da camisa branca e ainda limpa, mesmo depois de ter passado algumas horas na cozinha. Depois, enfiou a camisa no cós da calça e passou os dedos no cabelo escuro e ondulado.

– Você sabe que Marcus vai tentar assumir a culpa – disse Gallowglass. – Mas o rapaz não é culpado pela morte de Emily.

*Considerando as circunstâncias, a cena na montanha tinha sido estranhamente pacífica. Gallowglass chegara ao templo logo depois de Marcus. Não havia nada além de silêncio e da visão de Emily Mather ajoelhada dentro de um círculo marcado com pedras claras. A expressão do bruxo Peter Knox que cravava as mãos na cabeça de Emily era antecipatória – talvez até de fome. Gerbert de Aurillac, o vampiro vizinho dos De Clermont, olhava com interesse.*

– Emily! – O grito angustiado de Sarah rasgou o silêncio com tanta força que até Gerbert recuou. Assustado, Knox soltou Emily que tombou ao chão inconsciente. Sarah atingiu o bruxo Knox com uma única e poderosa magia que o mandou pelos ares em direção ao lado oposto da clareira.

– Marcus não a matou – disse Fernando, chamando a atenção de Gallowglass. – Mas a negligência...

– Inexperiência – Gallowglass interpôs.

– A negligência de Marcus teve um papel na tragédia. Ele sabe disso e assume a responsabilidade por isso – acrescentou Fernando.

– Marcus não pediu para estar no comando – resmungou Gallowglass.

– Não. Fui eu que o nomeei para o posto, e Matthew também achou que era uma decisão certa. – Fernando apertou o ombro de Gallowglass de passagem e retornou ao fogão.

– Foi por isso que você veio? Por que se sentiu culpado por se recusar a liderar a irmandade quando Matthew pediu sua ajuda? – Ninguém ficara mais surpreso que Gallowglass quando Fernando apareceu em Sept-Tours. Fernando evitava esse lugar desde a morte do pai de Gallowglass, Hugh de Clermont, no século XIV.

– Estou aqui porque Matthew ficou do meu lado depois que o rei francês executou Hugh. Eu estava sozinho no mundo, só acompanhado pela minha dor. – O tom de Fernando soou duro. – E me recusei a liderar os Cavaleiros de Lázaro porque não sou um De Clermont.

– Você foi companheiro do pai! – protestou Gallowglass. – Você é um De Clermont, como o são Ysabeau e os filhos dela!

Fernando fechou a porta do forno com cuidado.

– *Eu* sou companheiro de Hugh – disse ainda de costas. – Seu pai nunca estará no pretérito para mim.

– Desculpe-me, Fernando – disse Gallowglass aflito. Fazia quase sete séculos que Hugh estava morto e Fernando ainda não se recuperara da perda. Gallowglass já duvidava de que ele pudesse se recuperar algum dia.

– Quanto a eu ser um De Clermont – continuou Fernando, ainda de olhos fixos na parede sobre o fogão –, Philippe não concordava com isso.

Gallowglass retomou a nervosa colheita dos pedacinhos de cera. Fernando encheu dois copos de vinho tinto e os levou à mesa.

– Aqui – disse, empurrando um copo para Gallowglass. – Hoje, você também vai precisar de sua força.

Marthe irrompeu na cozinha. A governanta de Ysabeau que governava essa área do castelo não estava satisfeita com intrusos em seus domínios. Depois de lançar olhares azedos para Fernando e Gallowglass enquanto farejava o ar, ela abriu o forno.

– Essa é a minha melhor panela! – disse em tom acusador.

– Eu sei. E por isso a estou usando – retrucou Fernando, tomando um gole de vinho.

– A cozinha não é o seu lugar, dom Fernando. Suba as escadas. E leve Gallowglass junto. – Marthe pegou um pacote de chá e um bule da prateleira próxima à pia. E depois fechou a carranca ao ver um bule envolto em uma toalha assentado sobre uma bandeja ao lado de xícaras, pires, leite e açúcar.

– O que há de errado com minha presença aqui? – perguntou Fernando.

– Você não é um criado – disse Marthe, puxando a tampa do bule e cheirando o conteúdo com desconfiança.

– É o favorito de Diana. Você me disse que ela gostava, lembra? – Fernando sorriu com ar tristonho. – Marthe, todo mundo nesta casa serve os De Clermont. A única diferença é que você, Alain e Victoire são muito bem pagos para fazer isso. O que se espera do restante de nós é que sejamos gratos pelo privilégio.

– Com uma boa razão. Outro *manjasang* sonhando em fazer parte desta família. Dom Fernando, trate de se lembrar disso no futuro... e do limão – disse Marthe, enfatizando o título de nobreza. Ela pegou a bandeja de chá. – De qualquer forma, os ovos estão queimando.

Fernando pulou para salvá-los.

– E quanto a você – continuou Marthe, com seus olhos negros fixos em Gallowglass –, você não nos disse tudo o que sabia a respeito de Matthew e a esposa dele.

Gallowglass olhou para o vinho com uma expressão de culpa.

– *Madame*, sua avó lidará com você mais tarde.

Após o comentário jocoso, Marthe saiu da cozinha.

– O que você fez agora? – perguntou Fernando, pondo a *tortilla* sobre o fogão... não estava queimada, *Alhamdulillah*. Por uma longa experiência ele sabia que apesar de toda a confusão, Gallowglass tinha feito tudo com boa intenção e total negligência para um possível desastre.

– Beem! – exclamou Gallowglass, alongando as vogais como só um escocês o faria. – Eu poderia ter deixado uma ou duas coisas fora da história.

– Como o quê? – perguntou Fernando, captando uma brisa catastrófica por entre os aromas caseiros da cozinha.

– Como o fato de que a titia está grávida de ninguém menos que Matthew. E o fato de que vovô a adotou como filha. Meu Deus, ele fez um voto de sangue ensurdecador. – Gallowglass pareceu reflexivo. – Você acha que ainda seremos capazes de ouvi-lo?

Fernando empinou-se boquiaberto e calado.

– Não olhe para mim desse jeito. Não me pareceu certo compartilhar a notícia sobre o bebê. As mulheres podem ser esquisitas quanto a essas coisas. E antes de morrer, em 1945, Philippe comentou sobre o voto de sangue para tia Verin e ela também nunca disse uma palavra! – Gallowglass pôs-se na defensiva.

Um abalo rasgou o ar como uma bomba detonada no silêncio. Algo verde e ardente passou pela janela da cozinha.

– Que diabo foi isso? – Fernando abriu a porta e protegeu os olhos da luz do sol brilhante.

– Uma bruxa irada, é o que imagino. – O tom de Gallowglass soou triste. – Talvez Sarah tenha contado a notícia sobre Emily para Diana e Matthew.

– Não, a explosão. Aquilo! – Fernando apontou para o sino da torre de Saint-Lucien, circundado por uma criatura alada de duas pernas que cuspia fogo.



Gallowglass levantou-se para observar.

– É Corra. Ela segue a titia para tudo quanto é canto – disse categoricamente.

– Mas aquilo é um *dragão*. – Fernando se voltou com olhos selvagens para o enteado.

– Bah! Aquilo não é um dragão qualquer. Não está vendo que só tem duas pernas? Corra é um dragão de fogo. – Gallowglass torceu o braço para mostrar a tatuagem de uma criatura alada parecida com aquela outra no ar.

– Como isto aqui. Posso ter deixado um ou dois detalhes de fora, mas avisei a todos que tia Diana não seria a mesma bruxa de antes.

– É verdade, querida. Emily está morta. – Contar isso para Diana e Matthew era estressante demais para Sarah. Ela podia jurar que tinha visto um dragão. Fernando estava certo. Ela precisava cortar o uísque.

– Não acredito em você. – A voz de Diana soou alta e aguda de pânico. Ela percorreu o grande salão de Ysabeau, como se esperando encontrar Emily escondida atrás de algum dos sofás adornados.

– Emily não está aqui, Diana. – A voz abafada de Matthew se infundiu de pesar e ternura quando ele se pôs frente a ela. – Emily se foi.

– Não. – Diana tentou empurrá-lo para passar e continuar a busca, mas ele a puxou para seus braços.

– Sinto muito, Sarah – disse Matthew, apertando Diana contra o próprio corpo.

– Sem essa de que sente muito! – disse Diana aos gritos, lutando para se libertar do abraço inquebrantável do vampiro e depois esmurrando o ombro dele. – Em não está morta! Isso é um pesadelo. Acorde-me, Matthew, por favor! Quero acordar e descobrir que ainda estamos em 1591.

– Isso não é um pesadelo – disse Sarah. Longas semanas a tinham convencido de que a morte de Em era terrivelmente real.

– Então, ou tomei um caminho errado ou fiz um nó malfeito no feitiço para viajar no tempo. Este não pode ser o lugar onde deveríamos parar! – A dor e o choque fizeram Diana tremer da cabeça aos pés. – Em me prometeu que jamais iria embora sem dizer adeus.

– Em não teve tempo de se despedir de ninguém. Mas isso não significa que ela não a amava. – Sarah dizia isso para si mesma umas cem vezes por dia.

– É melhor Diana se sentar – disse Marcus, puxando uma cadeira para perto de Sarah. De certo modo, o filho de Matthew parecia o mesmo surfista

de vinte e poucos anos que entrara na casa das Bishop no outubro anterior. Seu cordão de couro, com uma estranha variedade de objetos reunidos ao longo dos séculos, ainda se emaranhava nos cabelos louros à sua nuca. E seus amados tênis de cano alto ainda estavam em seus pés. Mas o ar de resguardo e a tristeza nos olhos eram novos.

Embora grata pela presença de Marcus e Ysabeau, a pessoa que Sarah realmente queria ao lado naquele momento era Fernando. Ele tinha sido uma rocha durante aquele período de provação.

– Obrigado, Marcus – disse Matthew, assentando Diana na cadeira. Phoebe estendeu um copo d’água até a mão de Diana, que se limitou a olhá-lo com indiferença. Matthew pegou o copo e o colocou sobre uma mesinha próxima.

Todos os olhos pousaram em Sarah.

Ela não era boa nesse tipo de coisa. Diana era a historiadora da família, ela saberia por onde começar e como desenrolar os confusos eventos da história, tornando-a coerente – com começo, meio e fim – e talvez até achando uma explicação plausível para a morte de Emily.

– Não há uma forma fácil de dizer isso. – A tia de Diana começou a falar.

– Você não precisa nos dizer nada – disse Matthew, com olhos de compaixão e simpatia. – As explicações podem esperar.

– Não. Vocês dois precisam saber. – Sarah pegou o copo de uísque que geralmente estava ao lado, mas que agora estava vazio. Olhou para Marcus com um apelo mudo.

– Emily morreu no velho templo – disse Marcus, ocupando o papel de narrador da história.

– O templo dedicado à deusa? – sussurrou Diana, com a sobrelanceada vinçada pelo esforço de se concentrar.

– Sim – grunhiu Sarah, tossindo para desalojar o nó na garganta. – Emily passava cada vez mais tempo naquele lugar.

– Ela estava sozinha? – A expressão de Matthew já não estava mais calorosa e compreensiva, e seu tom era gelado.

Fez-se outro silêncio pesado e desajeitado.

– Emily nunca levava ninguém – disse Sarah, esforçando-se para ser honesta. Diana também era bruxa e perceberia se ela se desviasse da verdade. – Marcus tentou convencê-la a levar alguém, mas Emily se recusou.

– Por que ela queria ficar sozinha? – perguntou Diana, flagrando o mal-estar de Sarah. – O que estava acontecendo, Sarah?

– Desde janeiro Em se dedicava a magias mais elevadas a fim de orientação. – Sarah desviou o olhar da expressão chocada de Diana. – Ela estava com

terríveis premonições de morte e desastre e achei que isso poderia ajudá-la a descobrir por quê.

– Mas Em sempre dizia que essas magias mais elevadas eram sombrias demais para que as bruxas pudessem lidar com segurança – disse Diana, erguendo a voz novamente. – Ela dizia que as bruxas que se achavam imunes a tais perigos acabavam descobrindo da maneira mais difícil o quão poderosas eram essas magias.

– E dizia isso por experiência própria – disse Sarah. – Essas magias podem ser viciosas. Emily não queria que você soubesse que ela também tinha sido fisgada, querida. Durante décadas ela se absteve de tocar em pedras de clarividência ou de evocar espíritos.

– Evocar espíritos? – Os olhos de Matthew estreitaram em fendas, e sua barba escura se mostrou aterrorizante.

– Acho que ela estava tentando se aproximar de Rebecca. Se eu tivesse percebido que Emily tinha chegado muito longe nessas tentativas, eu teria feito de tudo para detê-la. – Os olhos de Sarah se marejaram. – Peter Knox deve ter sentido que ela estava trabalhando com o poder da alta magia e isso sempre o fascinou. E uma vez que a encontrou...

– Knox? – disse Matthew baixinho, mas os pelos da nuca de Sarah se arrepiaram em advertência.

– Knox e Gerbert também estavam lá quando encontramos Em – explicou Marcus, com ar miserável por admitir. – Emily sofreu um ataque cardíaco. Talvez pela enorme tensão na tentativa de resistir às investidas de Knox. Ela estava quase inconsciente. Eu e Sarah tentamos reanimá-la. Mas já não havia nada que pudessemos fazer.

– Por que Gerbert e Knox estavam aqui? E o que Knox esperava ganhar ao matar Em? – gritou Diana.

– Não acho que Knox quisesse matá-la, querida – respondeu Sarah. – Knox estava lendo os pensamentos dela ou no mínimo tentando lê-los. Eis as últimas palavras de Emily: “Conheço o segredo do Ashmole 782 e você nunca irá possuí-lo.”

– Ashmole 782? – Diana pareceu atordoada. – Você tem certeza?

– Absoluta. – Sarah desejou que a sobrinha nunca tivesse encontrado aquele maldito manuscrito na Biblioteca Bodleiana. Grande parte dos problemas daquele momento se devia ao tal manuscrito.

– Knox insistia que os De Clermont estavam com as folhas perdidas do manuscrito de Diana do qual eles conheciam os segredos – opinou Ysabeau.

– Eu e Verin argumentamos que isso era um engano, mas o único assunto que o distraía era o bebê. Margaret.

– Nathaniel e Sophie seguiram Gerbert e Knox até o templo. Levaram Margaret junto – explicou Marcus em resposta ao olhar atônito de Matthew. – Antes de Emily cair inconsciente, Knox viu Margaret e exigiu que lhe dissessem como dois demônios tinham dado à luz uma bruxinha. Knox invocou o acordo e ameaçou levar Margaret para uma investigação pendente da Congregação que ele chamou de “violações graves” da lei. Ele e Gerbert acabaram fugindo enquanto tentávamos reanimar Emily e retirar a criança em segurança.

Até algum tempo antes Sarah concebia a Congregação e o acordo como males necessários. Pois as três espécies sobrenaturais – demônios, vampiros e bruxas – tinham dificuldade de viver entre os humanos. E por terem sido alvos do medo e da violência humana em alguns momentos da história, concordaram em firmar um pacto em tempos de outrora para minimizar o risco de chamar a atenção humana para o mundo das criaturas. O pacto restringiu a confraternização entre as espécies, bem como qualquer participação na religião ou na política dos humanos. Depois de firmar o acordo, os nove membros da Congregação trataram de garantir que as criaturas respeitassem os seus termos. E agora que Diana e Matthew estavam em casa, Sarah finalmente podia desejar que a Congregação e o acordo fossem para o inferno.

Diana girou a cabeça, a descrença passou nos seus olhos.

– Gallowglass – ela disse respirando a maresia que inundou o salão.

– Bem-vinda ao lar, titia. – Gallowglass se aproximou, sua barba irradiou um brilho dourado no ponto onde incidia a luz do sol. Diana olhou espantada para ele antes de soltar um soluço.

– Aqui, aqui. – Gallowglass ergueu-a com um abraço de urso. – Já faz muito tempo que uma mulher chorou por me ver. Sem falar que eu é que deveria chorar nesse nosso encontro. E olhe que se passaram apenas alguns dias desde a última vez em que nos encontramos. Mas pelas minhas contas já faz alguns séculos.

Algo numinoso irradiou em volta de todo o corpo de Diana, como se uma vela recuperasse lentamente a luz. Sarah piscou os olhos. Ela precisava mesmo parar com a bebida.

Matthew e seu sobrinho se entreolharam. E o semblante de Matthew mostrou-se ainda mais preocupado quando as lágrimas e o brilho que circundava Diana se intensificaram.

– É melhor que Matthew a leve lá para cima. – Gallowglass enfiou a mão no bolso, tirou um lenço amarelo amassado e o estendeu para Diana, protegendo-a zelosamente da vista.

– Está tudo certo com ela? – perguntou Sarah.

– Só um pouco cansada – disse Gallowglass enquanto empurrava Diana com ajuda de Matthew em direção aos remotos aposentos da torre de Matthew.

Depois que Diana e Matthew saíram, a frágil compostura de Sarah rachou e isso a fez chorar. Se a lembrança dos acontecimentos da morte de Em ocorria diariamente, isso se tornava ainda mais doloroso junto com Diana. Fernando surgiu à frente com ar pesaroso.

– Tudo bem, Sarah. Chore – murmurou, puxando-a para mais perto.

– Onde você estava quando precisei de você? – ela perguntou quando o pranto se converteu em soluços.

– Estou aqui agora – ele respondeu, embalando-a suavemente. – E Diana e Matthew já estão em segurança em casa.

– Não consigo parar de tremer. – Os dentes de Diana batiam e seus membros sacolejavam, como se manobrados por fios invisíveis. Gallowglass apertou os lábios e deu um passo para trás enquanto Matthew envolvia a esposa com um cobertor fortemente apertado.

– É o choque, *mon coeur* – murmurou Matthew, beijando-a na bochecha. A aflição não se devia apenas à morte de Emily, mas também às lembranças do passado, à perda traumática dos pais de Diana. Ele esfregou o cobertor nos braços dela. – Você pode pegar um pouco de vinho, Gallowglass?

– Eu não devia. Os bebês... – Diana iniciou a frase. Suas feições se tornaram selvagens e as lágrimas retornaram. – Eles nunca conhecerão Em. Nossos filhos crescerão sem conhecer Em.

– Aqui. – Gallowglass estendeu um frasco de prata para Matthew que o olhou com gratidão.

– Melhor ainda – disse Matthew, puxando a rolha. – Só um gole, Diana. Isso não fará mal aos gêmeos e poderá acalmá-la. Vou pedir a Marthe que traga um chá-preto com bastante açúcar.

– Eu vou matar Peter Knox – disse Diana com ar feroz depois que tomou um gole de uísque. A luz ao redor dela tornou-se mais brilhante.

– Não hoje, não hoje – retrucou Matthew com firmeza enquanto entregava o frasco para Gallowglass.

– O *glaem* da tia passou a brilhar com mais intensidade depois que vocês retornaram? – Gallowglass não via Diana Bishop desde 1591 e não se lembrava de que isso era tão perceptível.

– Sim. É um feitiço de disfarce que ela está usando. Talvez o choque a tenha perturbado – disse Matthew, acomodando-a no sofá. – Diana queria que Emily e Sarah desfrutassem a ideia de que estavam prestes a se tornar avós, antes que começassem a lhe fazer perguntas sobre o aumento do seu poder.

Gallowglass reprimiu um impropério.

– Já está melhor? – perguntou Matthew, levando os dedos de Diana até os lábios.

Diana assentiu. Seus dentes ainda batiam, e Gallowglass percebeu. Foi doloroso pensar no esforço que ela devia estar fazendo para se controlar.

– Sinto muito sobre Emily – disse Matthew, segurando o rosto de Diana entre as mãos.

– Também somos culpados? Será que ficamos muito tempo no passado, como disse papai? – perguntou Diana tão baixinho que até mesmo Gallowglass teve dificuldade para ouvir.

– Claro que não – replicou Gallowglass em tom brusco. – Peter Knox fez isso. Ninguém mais é culpado.

– Não vamos nos preocupar com quem é culpado – disse Matthew, se bem que com os olhos faiscando de raiva.

Gallowglass fez um aceno de que tinha entendido. Matthew teria muito a dizer sobre Knox e Gerbert... mais tarde. Por ora ele se preocuparia com a esposa.

– Emily gostaria que você se concentrasse em cuidar de si mesma e de Sarah. Isso é o suficiente por agora. – Matthew afastou as mechas acobreadas coladas ao rosto de Diana com o sal das lágrimas.

– É melhor eu voltar lá para baixo – disse Diana, levando a brilhante bandana amarela de Gallowglass até os olhos. – Sarah precisa de mim.

– Fique um pouco mais aqui. Espere até que Marthe traga o chá – disse Matthew, sentando-se ao lado de Diana. Ela colou-se encolhida ao peito dele, os soluços escapavam alternadamente enquanto ela tentava conter as lágrimas.

– Vou deixar vocês dois a sós – disse Gallowglass abruptamente.

Matthew assentiu em silencioso agradecimento.

– Obrigada, Gallowglass. – Diana estendeu o lenço.

– Fique com isso – ele disse, voltando-se para a escada.

– Estamos sozinhos. Já não precisa mais ser forte – sussurrou Matthew enquanto Gallowglass descia pela escada em caracol.

Matthew e Diana continuaram entrelaçados como um nó inquebrantável, com as feições contorcidas de dor e tristeza e reconfortando um ao outro de um modo que não podiam fazer por si mesmos.

*Eu não devia ter convocado você aqui. Eu devia ter encontrado outra maneira de obter respostas.* Emily se voltou para sua melhor amiga. *Você devia estar com Stephen.*

*Prefiro estar aqui com minha filha a estar em qualquer outro lugar,* disse Rebecca Bishop. *Stephen entende.* Ela observou a imagem de Diana e Matthew ainda entrelaçados em triste abraço.

*Não tenha medo. Matthew cuidará dela,* disse Philippe que ainda tentava decifrar Rebecca Bishop – ela era uma criatura extraordinariamente difícil e tão hábil em guardar segredos quanto qualquer vampiro.

*Eles cuidarão um do outro,* retrucou Rebecca, com a mão sobre o coração, *como eu já sabia que aconteceria.*